

Mansões de Samambaia, o perigo mora ao lado

Alexandre Marino

O Setor de Mansões Leste é um paraíso perigoso. Este pequeno oásis com cerca de 3 mil habitantes vive a meio caminho entre o medo da miséria de Samambaia e a saudade do tempo em que atendia pelo nome de Setor de Mansões de Taguatinga, cidade onde trabalha a maioria de seus moradores. Hoje o SML paga seus impostos à administração de Samambaia, recebe tratamento privilegiado do governo do Distrito Federal e levanta muros de dois metros para esconder seus tesouros.

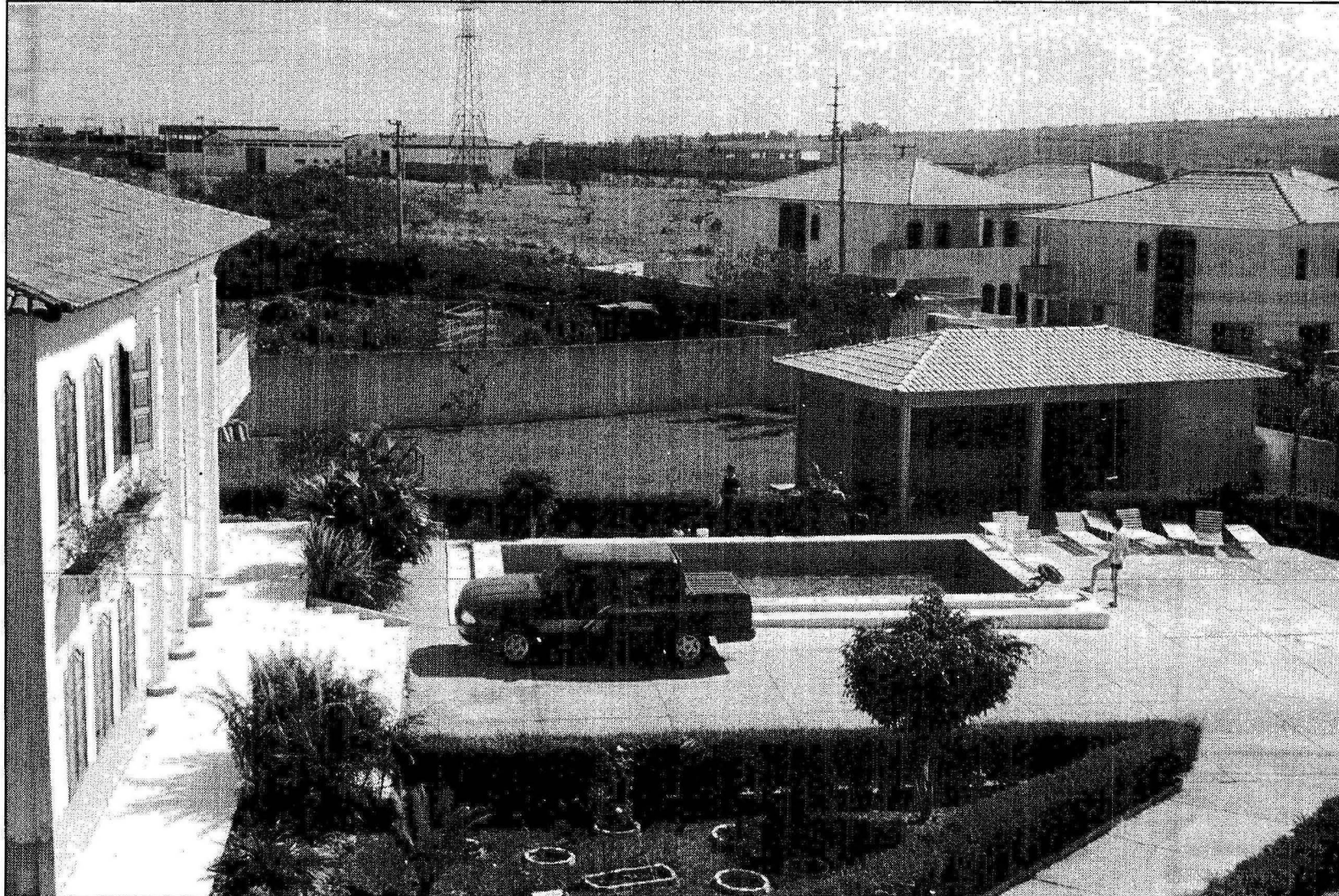
Criado em 1985, por reivindicação da Associação Comercial de Taguatinga, o SML, mais conhecido como Setor de Mansões de Samambaia, ocupa uma área de 800 mil metros quadrados. Ali vive a elite de Taguatinga, que vem investindo em peso no local. A pouco mais de um quilômetro de Samambaia, onde mais de 60% da população vive com até três salários mínimos, o SML se transforma rapidamente. "Dentro de dois anos, isto aqui será um dos melhores lugares de Brasília para se viver", prevê o atual prefeito comunitário, o engenheiro civil e empresário Mário Eduardo Pereira. "Será uma área invejável."

Nem todos pensam assim. A empresária Zalice Lancaster pensa em ir embora, talvez para o Plano Piloto, "onde há mais gente". Depois de ter sua residência assaltada três vezes, uma delas a mão armada e sofrendo espancamento, ela está aterrorizada. "Vivemos perto de pessoas que têm uma estrutura de vida muito difícil, na miséria mesmo", observa. Sua casa tem sistema de alarme e ela exerce controle "histórico" sobre os dois filhos. "As pessoas passam aqui, vêm casas grandes, carros bonitos, e pensam que somos ricos", diz.

"Não temos qualquer problema com Samambaia", discorda o empresário da construção civil José Raimundo Vieira, morador do local há dois anos. "Não há discriminação, temos uma convivência pacífica, e além disso estamos fora do assentamento", explica. "Nem podemos ser contra o assentamento, porque os moradores de lá também são seres humanos e precisam de um lugar para morar."

Os contrastes entre o Setor de Mansões, criado em 1984 por reivindicação da Associação Comercial de Taguatinga, e Samambaia, assentamento lançado pelo governador Joaquim Roriz em 1988 para abrigar a população com renda até três salários mínimos, são um incômodo para os moradores locais. Enquanto na cidade se multiplicam os barracos de

PAULO BARROS



Um oásis de luxo e conforto, o Setor de Mansões Leste tem como cenário de fundo a miséria dos barracos de Samambaia

3

mil residem em
Samambaia in

200

mil vivem em
Samambaia out

1,4

mil dólares é
quanto custa um
lote em Samambaia

120

mil dólares é o
valor de um
terreno no SML

madeira construídos entre ruas de terra erodidas pelo esgoto a céu aberto, um lote vazio de 800 metros quadrados no Setor de Mansões vale cerca de US\$ 120 mil, segundo o ex-prefeito comunitário José Barbosa de Miranda, funcionário da Novacap. Já o preço de um lote de 100 metros quadrados em Samambaia, numa rua de terra sem saneamento, doado pelo governo do DF, é tão baixo que é avaliado em cruzeiros reais mesmo: no máximo CR\$ 3 milhões.

Status — Os primeiros moradores, que lá chegaram em 1985/86, não contavam com a ex-

plosão demográfica de um assentamento de baixa renda às suas portas, ainda mais em tão curto espaço de tempo. Samambaia, criada em 1988, tem hoje mais de 200 mil habitantes. Com vista panorâmica para Taguatinga, o SML vira as costas para o assentamento. "Se eles fazem uma festa e o endereço é um setor de Samambaia, não aparece ninguém", diz um policial que conhece bem o local.

Mas a antiga área nobre de Taguatinga, se perdeu o status, não perdeu a pose. Os muros altos nem sempre escondem a ostentação das casas, muitas de

dois andares, de até 700 metros quadrados, com vários carros nas garagens, em terrenos de 800 a 3 mil metros quadrados. A área desenvolve-se em alta velocidade. A rede de esgoto, iniciada em janeiro, está quase toda implantada, o cheiro do asfalto novo já toma conta de todas as ruas e o ritmo das construções é intenso.

O maior problema do SML, na opinião do prefeito Mário Pereira, é a circulação de muitos operários na área. "Eles se confundem com a marginalidade", explica. Para evitar isso, a prefeitura está fazendo um cadastramento geral, para identificar os morado-

res e seus empregados. Segundo José Barbosa, 70% da área está ocupada até agora. "Dentro de dois anos, as obras no setor serão poucas, e qualquer pessoa estranha será prontamente identificada", prevê.

Além das construções residenciais, outras áreas deverão entrar em obras brevemente, assim que a Câmara Distrital votar alguns projetos já aprovados pelo Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano do DF (IPDF). São lotes destinados para minishopping, creche, igreja, salão comunitário e estacionamento, nos conjuntos 17, 19 e 20.